

Noite de nascimento de Seydou: uma história de deslocamento Burkina Faso

Na casa de uma amiga Bobo-Dioulasso, a segunda maior cidade de Burkina Faso, Maimuona* lembra da noite que seu filho nasceu. "Havia tiros e todos corriam", ela diz. Jihadistas atacaram sua vila, fazendo com que todos se dispersassem para o matagal e causando o parto prematuro de Maimouna. Seydou nasceu ao lado de uma estrada arenosa. Seu apelido é "o afortunado".

Nos dois anos desde então, a família não conseguiu retornar para casa, deslocada por uma insurgência que está fermentando desde 2014, matando milhares e fazendo mais de 2 milhões - quase 10% da população - deixarem suas casas. A situação tem sido descrita como a crise mais negligenciada do mundo.

Os atacantes, acreditava-se, fossem de um dos grupos terroristas mais ativos no país, Jama'at Nusrat al-Islam wal-Muslimin (o Grupo de Apoio ao Islã e aos Muçulmanos), queimaram casas e lojas na vila de Maimuona na região Nord e mataram seus cabritos e vacas.

"Veja as roupas que estamos vestindo? Partimos com essas, não tivemos tempo de pegar nada", diz Maimuona, que agora mora na casa apertada de sua amiga na região sudoeste de Hauts-Bassins, uma região relativamente segura no país. Ela mora lá com seu marido, sua outra esposa e seus filhos. Um filho, Mamourou*, 13, foi atingido por uma motocicleta durante a fuga. Ele agora anda com uma coxa porque não conseguiram encontrar tratamento médico para a lesão.

Os combates eclodiram Burkina Faso após um levante 2014 que derrubou o presidente Blaise Compaoré. Compaoré havia governado o país por 27 anos e atuou como intermediário entre os tuaregues, jihadistas e o governo do Mali vizinho durante sua crise de segurança 2012-2013.

[betnacional é confiávelbetnacional é confiável](#)

O sucessor de Compaoré, Roch Marc Christian Kaboré, foi por sua vez removido do cargo após um golpe 2024, liderado por Paul-Henri Damiba. O atual presidente, Ibrahim Traoré, deseja recapturar os 40% do país estimados serem controlados por grupos alinhados à al-Qaida e ao Estado Islâmico. pelo menos 90.000 pessoas se registraram para se juntar ao controverso grupo Voluntários para a Defesa da Pátria para lutar ao lado do exército. Os voluntários estão acusados de atividades vigilantes e de incitar ainda mais o tumulto.

A Human Rights Watch acusou todas as partes de assassinatos ilegais, incluindo a execução de 223 civis pelo exército um único dia fevereiro. O governo nega a alegação e banuiu a organização, junto com várias outras mídias, incluindo o Guardian.

O ano passado viu um aumento na violência, com mais de 8.000 pessoas relatadas mortas, de acordo com dados do Projeto de Localização e Eventos de Conflito Armado (Acled), um aumento de 137% relação a 2024.

A família de Maimuona é uma de 256.000 pessoas deslocadas pelos combates na região Nord. Muitos acabaram no Hauts-Bassins.

"Nós tínhamos uma loja de cosméticos, maquiagem e calçados, mas perdemos tudo", diz Maimuona. Ela diz que a família não tem dinheiro suficiente sequer para comprar um saco de arroz e depende da caridade de pessoas locais. "É a boa vontade das pessoas que nos salva", ela diz.

A comida é "a necessidade mais urgente no momento", diz um trabalhador humanitário, que se recusou a ser identificado. Todos os trabalhadores humanitários com quem o Guardian falou pediram anonimato por medo de represálias do Estado. Nesta estação magra antes da colheita de outubro, mais de 2,7 milhões de burquinabês estão em risco de fome.

Mais de 6 milhões de pessoas precisam de ajuda humanitária, de acordo com a ONU, que recebeu 17% dos R\$935m que diz que precisa este ano para atender às necessidades do país oeste-africano.

"Durante os primeiros três meses de março, conseguimos assistir ao menos 731.000 pessoas", diz um trabalhador de outra agência de ajuda, acrescentando que viram um "aumento significativo" de mortes por inanição.

A ajuda não está chegando a 40 cidades bloqueadas por grupos armados no norte e leste, onde vivem cerca de 1,2 milhão de pessoas.

As pessoas nestas áreas vivem "com medo no estômago", diz um trabalhador humanitário.

[A economia nacional é confiável](#)

O preço de bens básicos aumentou cinco vezes nas cidades bloqueadas. Um litro de gasolina, que custa cerca de 1.000 francos (£1,30) na capital, Ouagadougou, vende por 7.500 francos. "Os serviços de saúde estão paralisados, as escolas estão fechadas, mas há pessoas que decidem continuar vivendo nessas cidades e arriscarem suas vidas para trazer comida", diz o trabalhador humanitário.

Aproximadamente 80% das escolas do país foram fechadas devido à violência, e 818.149 alunos não estão na escola, de acordo com o Ministério da Educação Nacional, Alfabetização e Promoção das Línguas Nacionais. Entre 2023 e 2024, a Coalizão Global para Proteger a Educação de Ataques (GCPEA) documentou 270 ataques a centros educacionais por grupos milicianos islâmicos em 10 das 13 regiões do Burkina Faso.

As escolas que hospedam pessoas deslocadas estão superlotadas, e algumas construíram salas de aula ao ar livre adicionais para acomodar novos alunos. Dos 555 alunos em uma escola na cidade de Kaya, 500 são de famílias deslocadas.

Outros alunos continuam sua educação via rádio. "A generosidade das comunidades hospitaleiras para apoiar pessoas deslocadas e a resiliência das populações afetadas são notáveis", diz uma fonte humanitária.

Maimuona continua esperançosa de que "Deus querendo" ela e a família possam um dia retornar à vila que seu filho nunca viu.

** Os nomes foram alterados.*

Sob o plano, os tchecos procuram obter 800.000 projéteis de artilharia para a Ucrânia; Os líderes checos disseram anteriormente que as primeiras conchas devem ser entregues à Ucrânia até junho e pelo menos 18 países aderiram ao projeto Praga (ver artigo).

superar a escassez de recursos militares.

suas observações ameaçando não vir defesa de aliados no caso do ataque da Rússia.

Informações do documento:

Autor: jandlglass.org

Assunto: quina sena

Palavras-chave: **quina sena - jandlglass.org**

Data de lançamento de: 2024-11-29